

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: WTR 01 2 77

Data: 05.83 Pg.: \_\_\_\_\_

# Entidade apóia resistência

**S**ou da opinião que uma área rica como essa não pode se dar ao luxo de conservar meia dúzia de tribos indígenas atravancando o seu desenvolvimento.

Essa declaração, feita há alguns anos pelo então governador de Roraima, Fernando Ramos Pereira, ilustra bem o conceito que os dominadores têm sobre as nações indígenas em geral: "atravancadores do desenvolvimento".

É contra essa visão racista, etnocentrista e destruidora que luta o Marewa - Movimento de Apoio à Resistência Waimiri/Atroari. Esse movimento nasceu inspirado em Maroaga, líder que comandou a resistência dos Waimiri/Atroari, de 1968 a 1974, contra a guerra de extermínio movida pelo Governo brasileiro. Maroaga morreu lutando, mas deixou vivo o símbolo de resistência desses povos que vivem acossados entre o Território de Roraima e o Amazonas.

"Repudia-o, aprisiona-o, mata-o". Essas palavras de ordem não são de 1500. Elas fazem parte da história recente do nosso País. Estão contidas no panfleto da campanha que o Exército moveu contra os Waimiri/Atroari e foi despejado de avião, aos milhares, com a marca da bandeira nacional. Devido à intensa campanha do Exército e à resistência desses dois

### Resistência Waimiri/Atroari



Maroaga, o líder assassinado

povos, a maioria da população envolvente da área tem medo dos índios.

#### A DESTRUIÇÃO

Apesar de todas as pressões e violência sofridas há 300 anos, ainda em 1968 os Waimiri/Atroari dominavam a região dos altos rios Urubu e Uatumã, até a cachoeira de Balbina, no norte do Amazonas. Viviam ali sua vida tranquila, caçando, pescando, plantando e visitando os outros povos da língua Karib.

Mas a paz secular dessas nações estava prestes a acabar, pois o Governo brasileiro resolveu ocupar urgentemen-

te os espaços amazônicos fora de seu controle. Começou assim a febre das estradas. A construção da BR-174 (Manaus-Caracará), que começou em 1968, cortou ao meio o território Waimiri/Atroari. Em três anos, a área indígena foi reduzida em 75%. Conclusão: em sete anos, a população, que era calculada em três mil pessoas, caiu para menos de mil. Com as estradas, veio a descoberta de que as terras indígenas são ricas em minérios, madeiras-de-lei, balatais e que os rios possuem grande potencial energético. A partir daí, a situação dos índios piorou.

Os Waimiri/Atroari sempre resistiram às invasões de suas terras e por isso eram conhecidos, graças à "propaganda" do Governo, como "selvagens que deveriam morrer". Mas a estratégia governamental mudou, e ago-

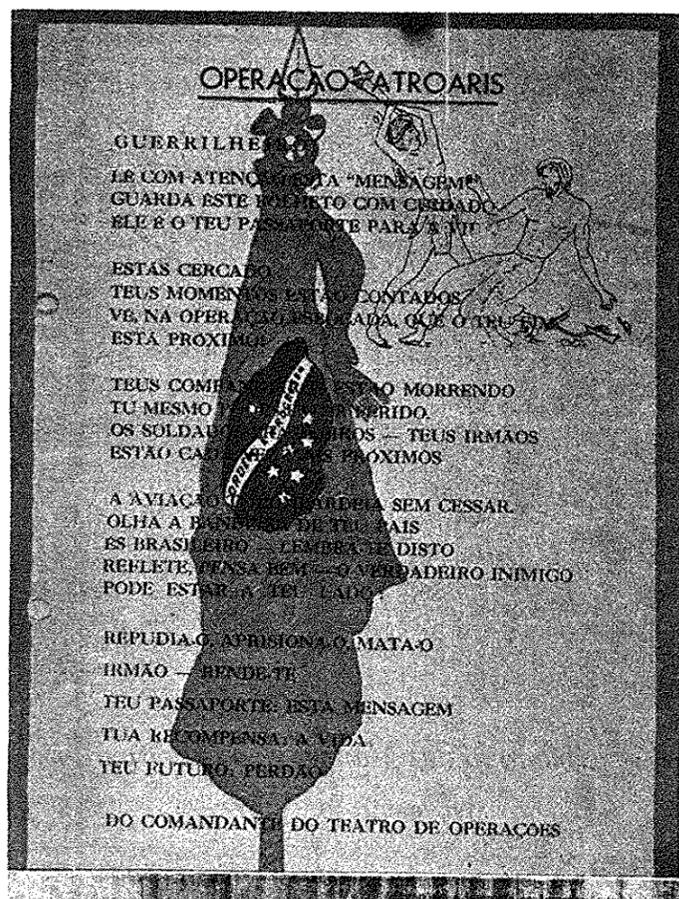
ra esses povos são apresentados como os mais "pacíficos, dóceis e agrícolas do Brasil". Isso está ocorrendo porque, para se justificar a inundação de suas terras, pela represa de Balbina, a Funai precisa mostrar que eles são "integrados".

Na tentativa de "acabar com o problema Waimiri/Atroari", há anos vem ocorrendo uma guerra surda no coração das matas. Bombas, metralhadoras, granadas e dinamite foram e estão sendo utilizados. Além dessa guerra aberta, também foram usados, por parte da Funai, superdoses de vacinas viróticas contra os índios, pois não deixavam marcas visíveis.

Em 1905, eram 6.000 índios, hoje são apenas 571. Mas resistem e lutam. E, para não serem exterminados, precisam de ajuda. Por isso, o Marewa pede o apoio de todos

para que a vida física e cultural dos Waimiri/Atroari não seja arrasada. Pede também o apoio para que se crie, na sociedade nacional, um novo ambiente de contato, que corresponda aos anseios de paz e tranquilidade desses dois povos.

O Marewa pede também que sejam divulgadas as denúncias sobre o massacre desses povos. Elas estão contidas em um livreto, que pode ser pedido através da Caixa Postal 66 - CEP 69100 - Itacoatiara-AM, ou Caixa Postal 984 CEP 69.000 - Manaus-AM. Cada livreto custa Cr\$ 200,00. Há também um cartaz (32 x 48), com o mesmo desenho da capa do livreto. O preço do cartaz é Cr\$ 100,00. O Marewa solicita ainda que sejam enviadas cartas ou telegramas de protesto ao Governo e de solidariedade à resistência desses dois povos indígenas.



Com timbre oficial e bandeira, o panfleto manda matar o índio e promete a impunidade.